



Testes de Avaliação

Unidade 1

Compreender e produzir géneros textuais

Unidade 2

Poesia trovadoresca

Unidade 3

Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*

Unidade 4

Gil Vicente, *Farsa de Inês Pereira*

Unidade 4

Gil Vicente, *Auto da Feira*

Unidade 5

Luís de Camões, *Rimas*

Unidade 6

Luís de Camões, *Os Lusíadas*

Unidade 7

História Trágico-Marítima

Teste de avaliação

Português, 10.º ano

Unidade 1 Compreender e produzir géneros textuais

Utiliza apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Não é permitido o uso de corretor. Deves riscar aquilo que pretendes que não seja classificado.

Para cada resposta, identifica o grupo e o item.

Apresenta as tuas respostas de forma legível.

Ao responderes, diferencia corretamente as maiúsculas das minúsculas.

Apresenta apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final dos mesmos.

CrITÉRIOS gerais de classificação

- As respostas ilegíveis são classificadas com zero pontos.
- Em caso de omissão ou de engano na identificação de uma resposta, esta pode ser classificada se for possível identificar inequivocamente o item a que diz respeito.
- Se for apresentada mais do que uma resposta ao mesmo item, só é classificada a resposta que surgir em primeiro lugar.
- A classificação das provas nas quais se apresente, pelo menos, uma resposta escrita integralmente em maiúsculas é sujeita a uma desvalorização de cinco pontos.

Fatores de desvalorização – correção linguística

Fatores de desvalorização	Desvalorização (pontos)
<ul style="list-style-type: none"> • Erro inequívoco de pontuação • Erro de ortografia (incluindo erro de acentuação, uso indevido de letra minúscula ou de letra maiúscula e erro de translineação) • Erro de morfologia • Incumprimento das regras de citação de texto ou de referência a título de uma obra 	1
<ul style="list-style-type: none"> • Erro de sintaxe • Improriedade lexical 	2



Lê o texto a seguir transcrito. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

Depois de uma viagem de 13 horas, chego finalmente ao aeroporto de Santiago do Chile. A sensação é inebriante e ao mesmo tempo hilariante. Quis aventura e agora estava ali. Não havia ninguém à minha espera, ninguém de sorriso amarelo a segurar uma placa com o meu nome, não tinha sítio para dormir e tudo o que pos-
5 suía era o meu bilhete de volta e a minha mochila. Estava sozinho!!!

A primeira coisa que fiz foi observar a multidão do aeroporto. Eram morenos e pareciam simpáticos. Mostravam uma organização fora do habitual e nem parecia que estava na América Latina. Aos poucos apercebi-me de que, de facto, estava longe de casa. E agora? O alívio surgiu já depois de chegar ao Hostel BellaVista, localizado no bairro mais
10 boémio e cultural da capital chilena, que o taxista José me recomendara. Ouço, numa língua simpática e mais ou menos conhecida, algo parecido com: “Sim, temos vaga para a noite”. Entro no quarto onde estão dois beliches, mas o curioso não eram os beliches ou o aspeto do quarto. O quarto era misto e partilhava-o com três irlandesas, duas das quais estavam já há cerca de dez meses a dar uma volta ao mundo. Não posso negar um sorriso
15 maroto ao perceber o contexto caricato daquela noite. Depois das obrigatórias apresentações, convidaram-me para jantar no hotel, pois era a noite de Halloween. Aceitei e, após descansar um pouco, saí para conhecer a cidade, com passagem obrigatória pela Plaza del Armas. A oferta cultural de rua é notável e os cidadãos aderem com uma naturalidade latina muito peculiar. Mas confesso que a cidade me desiludiu um pouco...

Dois dias depois adquiri um bilhete de autocarro e rumei para San Carlos de Bariloche, numa viagem de cerca de trinta e seis horas. O autocarro é um transporte muito popular no Chile, talvez por isso tenha achado fantástico a classe *salón-cama* (os bancos eram parecidos com a classe executiva dos aviões) com hospedeiro a bordo. Finalmente, a fronteira com a Argentina. Os militares argentinos têm um semblante autori-
20 tário. Um a um, todos aguardamos pela chamada. Chega a minha vez, e mal entrego o meu passaporte... – “Portugal. Figo.” O rosto dos soldados transfigura-se e o ambiente desanuvia (o futebol é mesmo um embaixador da paz!). [...]

Segui rumo a Puerto Montt (de volta ao Chile) e embarquei num cargueiro da Navimag, numa viagem de quatro dias até ao Sul do Chile, pelas águas do Pacífico
30 que invadiram os Andes Patagónicos.

Ao terceiro dia de viagem, um momento alto: o glaciar Pio XI, o único glaciar no mundo que continua a crescer. Nunca tinha visto um glaciar. A sua coloração azul impressiona! O gelo do glaciar demora cerca de cinco anos a formar-se por deposição da neve; durante esse período e por compactação, vai perdendo oxigénio, res-
35 tando somente o hidrogénio, que absorve todas as cores do espectro visível da luz solar, exceto o azul, que reflete: daí a sua coloração azul. Quando o glaciar descongela, volta a recuperar o oxigénio e regressa à sua coloração branca.

A viagem continuou, e na manhã seguinte desembarquei em Puerto Natales sob um intenso céu azul. Próximo destino: Torres del Paine, um dos dez melhores locais
40 à face da terra para o *trekking*.



Carreguei a mochila com mantimentos para cinco dias e segui viagem à boleia de uma colega da África do Sul com quem tinha travado um diálogo interessante, durante o pequeno-almoço no barco. Era voluntária e estava a trabalhar nas Malvinas, ilha cuja história e guerra de 1982 corrompe uma relação saudável entre argentinos e ingleses.

45 Depois de fotografar nanas¹ e guanacos², atravesso o lago Pehoe e chego ao acampamento-base. Monto a tenda e vou ver o lago mais de perto.

A água dos lagos provém do degelo dos glaciares e, por isso, tem um aspeto leitoso, pois os minerais do gelo sobrenadam à superfície. Era espantosamente bela a visão de um lago azulado com o vento patagónico a soprar e a condicionar a formação de pequenas e frágeis ondas austrais. Encontro pelo caminho um guarda do parque com quem meto conversa. Carlos guardava o parque há vinte anos; dizia que na Patagónia, num só dia, podiam fazer sentir-se as quatro estações do ano: um Sol radiante de manhã e um temporal intenso à tarde.

Pedro Gouveia, "Patagónia – uma viagem rumo ao desconhecido", in *Nortemédico*, n.º 30, janeiro-março de 2007 [com supressões]

1. *nanas*: plantas de origem americana.

2. *guanacos*: ruminantes camelídeos, de pescoço comprido e erguido, patas delgadas, cauda curta e corpo coberto de pelo abundante, comprido e lustroso.

1. Identifica o género textual a que o texto pertence, referindo as marcas de género nele presentes. (20 PONTOS)
2. Identifica o tema dominante do texto, justificando. (20 PONTOS)
3. Comenta o valor da metáfora presente na expressão "*o futebol é mesmo um embaixador da paz!*" (l. 27). (20 PONTOS)
4. Justifica a abundância de frases de tipo exclamativo ao longo do texto. (20 PONTOS)
5. Apresenta uma razão que justifique o emprego do presente do indicativo no excerto abaixo: (20 PONTOS)

"Era espantosamente bela a visão de um lago azulado com o vento patagónico a soprar e a condicionar a formação de pequenas e frágeis ondas austrais. Encontro pelo caminho um guarda do parque com quem meto conversa. Carlos guardava o parque há vinte anos; dizia que na Patagónia, num só dia, podiam fazer sentir-se as quatro estações do ano: um Sol radiante de manhã e um temporal intenso à tarde." (ll. 48-53)



Lê o texto seguinte. Em caso de necessidade, consulta o vocabulário apresentado.

CRÍTICA

Patagónia para cavalheiros-viajantes

LUÍS MAIO 22/04/2009

★★★★☆ Regresso à Patagónia

Reza a história (ou a lenda) que, em dezembro de 1974, Bruce Chatwin se despediu da *Sunday Times Magazine*, enviando ao editor um telegrama que ficou célebre: “Fui para a Patagónia por quatro meses”. O resultante *Na Patagónia* (1977) foi o seu primeiro livro publicado, um sucesso quase instantâneo, que inaugurou um novo género de escrita de viagens.

Antes disso, porém, já o norte-americano Paul Theroux tinha editado *The Great Railway Bazaar* (1975), relatando a sua longa viagem de comboio pela Europa e pela Ásia, que viria depois, a partir do momento em que se identificou uma nova geração de “*travel writing*”, a ser reavaliado como pioneiro do género. Já na posse da narrativa de Chatwin, Theroux partiu também para a Terra do Fogo, mas de comboio e a partir da cidade de Boston em que vivia, experiência que retratou em *O Velho Expresso da Patagónia* (1979).

Estas foram obras cruciais para converter o “*travel writing*” em moda e justificar a promoção do encontro público dos seus autores. Aconteceu em 1985, na Royal Geographical Society, daí resultando *Regresso à Patagónia*, agora pela primeira vez publicado entre nós, coincidindo com as reedições das obras supracitadas de Chatwin e de Theroux. É um texto difícil de classificar, uma vez que assume a forma de diálogo, mas não funciona como debate de ideias.

Decorre, no lugar disso, num registo de palestra fluida, em que os dois autores vão coloquialmente intercalando as suas comunicações, numa lógica de cada um pegar no assunto no ponto em que o outro o deixou, mas sempre ou quase sempre para desviar a conversa noutro sentido. Todo o atrito é evitado, não há verdadeira discussão e é esse tácito acordo de cavalheiros que se começa por lamentar.

Porque se Chatwin e Theroux se distinguiram por romperem ambos com a tradição de narrativas pitorescas de viagem, não é menos evidente que entre si divergiram, até radicalmente, nas formas adotadas para subverter esse mesmo figurino.

É certo, porém, que tinham afinidades, sobretudo em termos de motivações pessoais e bagagem cultural, e é essa relativa sintonia que se vai revelando e fazendo de *Regresso à Patagónia* um texto interessante. Descobre-se, para começar, que a



razão principal que os levou aos dois e com apenas um par de anos de distância ao extremo da América Austral é a mesma. Theroux invoca Borges¹ para justificar o destino: “Não se encontra lá nada. Não existe nada na Patagónia”. Chatwin, pelo seu lado, cita o mito ocidental que via na Patagónia “O Destino Derradeiro, o ponto para além do qual era impossível ir”. Esta demanda de nenhures é, na verdade, um dos temas mais queridos à fornada de escritores de viagens europeus e norte-americanos, que emergiu em meados dos anos 70. Uma geração desiludida com as convenções sociais e os cânones da literatura, mas também destituída de ideologias e de ambições académicas, por isso mais dada a fugas que a confrontações – o que poderá explicar, pelo menos em parte, a falta de debate em *Regresso à Patagónia*.

A tendência para a evasão e para cortejar o vazio enraizou-se, porém, em motivações mais pessoais, que também denotam grande proximidade entre os dois escritores. Chatwin foi à Patagónia resgatar, ou pelo menos reconciliar-se com a perda da inocência à entrada da idade adulta, enquanto Theroux quis realizar a viagem que o seu bisavô italiano sonhou, mas nunca completou (e por isso ele nasceu norte-americano). Os dois alimentaram esses sonhos de juventude devorando pilhas de histórias e de lendas, que passam a maior parte de *Regresso à Patagónia* a rebobinar. É um constante vaivém entre registos de expedições coloniais e científicas, como o diário de bordo de António Pigafetta, que acompanhou a viagem de circum-navegação de Fernão de Magalhães, ou a crónica da *Viagem de Beagle* de Charles Darwin, cruzados com poemas e romances inspirados nessas e noutras fontes, incluindo obras célebres de Melville², Poe, Dante, Coleridge³ e Shakespeare.

Faltam mesmo assim algumas referências-chave – Chatwin nem chega a mencionar *Journey to Armenia* de Osip Mandelstam, em que o seu primeiro livro foi mais diretamente inspirado –, sobretudo a páginas tantas os interlocutores parecem perder o fio à meada e o final tem muito de conversa inacabada. Mas também dá a sensação de que os autores não quiseram sujar as mãos ou arriscar muito mais que um plácido passeio pela Patagónia literária – provavelmente a única viagem em que poderiam partilhar a mesma carruagem.

<http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/patagonia-para-cavalheirosviajantes-1655146>
[Consult. 26-01-2015]

1. *Borges*: Jorge Luis Borges (1899-1986), escritor, poeta, tradutor, crítico literário e ensaísta argentino.

2. *Melville*: Hermann Melville (1819-1891), escritor, poeta e ensaísta norte-americano.

3. *Coleridge*: Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), poeta, crítico literário e filósofo inglês.

1. Para responderes a cada um dos itens de 1.1. a 1.7., seleciona a opção correta.
Escreve, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção escolhida.

1.1. A crítica de Luís Maio é caracterizada

(5 PONTOS)

- a. por um tom predominantemente apreciativo em relação à obra em apreço.
- b. pela reflexão sobre o fenómeno “*travel writing*” e pela análise da obra em apreço.
- c. por um tom completamente depreciativo, não focando os aspetos apreciados na obra.
- d. por uma análise infundamentada e desprovida de comentários críticos.

1.2. Conforme Luís Maio, a obra *Regresso à Patagónia*

(5 PONTOS)

- a. foi escrita por Bruce Chatwin.
- b. foi escrita por Paul Theroux.
- c. resulta do registo de comunicações proferidas por Bruce Chatwin e Paul Theroux.
- d. foi escrita pela Royal Geographical Society.

1.3. As obras de Bruce Chatwin e de Paul Theroux caracterizam-se

(5 PONTOS)

- a. pela incapacidade de diálogo com outras obras.
- b. pelo carácter inovador relativamente a obras pertencentes à literatura de viagens anteriormente escritas.
- c. pela intertextualidade com a obra de Borges.
- d. pela ausência de dados científicos.

1.4. Na expressão “*fornada de escritores*” (l. 36) está presente uma

(5 PONTOS)

- a. comparação.
- b. personificação.
- c. metáfora.
- d. aliteração.

1.5. No contexto em que surge, o vocábulo “*rebobinar*” (l. 47)

(5 PONTOS)

- a. é usado em sentido denotativo/literal.
- b. marca a subjetividade da informação veiculada.
- c. adquire um valor depreciativo.
- d. é marcado por um valor apreciativo.

1.6. O conector “*mesmo assim*” (l. 53) estabelece entre os dois últimos parágrafos do texto uma relação de

(5 PONTOS)

- a. oposição.
- b. causa-efeito.
- c. parte-todo.
- d. semelhança.

1.7. A oração “*em que poderiam partilhar a mesma carruagem*” (ll. 58-59) classifica-se como subordinada

(5 PONTOS)

- a. adverbial consecutiva.
- b. adverbial temporal.
- c. substantiva completiva.
- d. adjetiva relativa restritiva.



2. Responde ao item apresentado.

(15 PONTOS)

- 2.1. Considerando a frase abaixo, faz corresponder a cada constituinte frásico (coluna **A**) a respetiva função sintática (coluna **B**).
Escreve, na tua folha de respostas, as letras e os números correspondentes. Utiliza cada letra e cada número apenas uma vez.

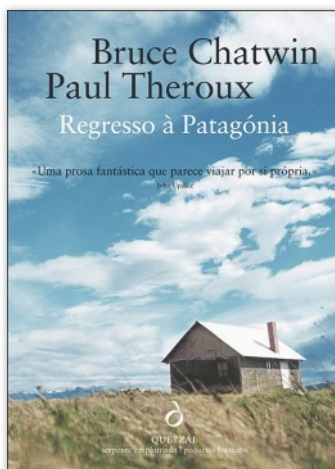
“Reza a história (ou a lenda) que, em dezembro de 1974, Bruce Chatwin se despediu da Sunday Times Magazine, enviando ao editor um telegrama que ficou célebre: ‘Fui para a Patagónia por quatro meses.’” (II. 1-3)

Coluna A	Coluna B
<p>a. “a história (ou a lenda)”</p> <p>b. “da Sunday Times Magazine”</p> <p>c. “ao editor”</p> <p>d. “um telefonema que ficou célebre”</p> <p>e. “célebre”</p>	<p>1. Sujeito</p> <p>2. Complemento direto</p> <p>3. Complemento indireto</p> <p>4. Complemento agente da passiva</p> <p>5. Complemento oblíquo</p> <p>6. Predicativo do sujeito</p> <p>7. Modificador do grupo verbal</p>

GRUPO III

(50 PONTOS)

Faz uma apreciação crítica da capa do livro *Regresso à Patagónia*, descrevendo-a sucintamente e acompanhando a descrição de um comentário crítico.
A tua apreciação deverá conter um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras.



ENC10CP © Porto Editora